

## Prefácio

Maria Stella Martins Bresciani

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LOPES, MB. *O Rio em movimento: quadros médicos e(m) história 1890-1920* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000. 136 p. ISBN: 85-85676-60-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## Prefácio

O cenário é nosso conhecido: o Rio de Janeiro vivendo os primeiros tempos do regime republicano. A cidade colonial ainda visível no traçado das ruas e nos costumes de seus habitantes. A ausência de saneamento básico, a sujeira das ruas e a promiscuidade dos cortiços acentuam a ameaça de doenças contagiosas, tornando mais visível a pouca adesão dos cidadãos aos princípios de urbanidade. Na esteira dos anos da propaganda republicana, liberais e positivistas trilham caminhos diversos e polemizam na defesa de ideais republicanos. Restam ainda alguns renitentes defensores do regime monárquico. O trabalho escravo ficou no passado em meio à formação do mercado de trabalho livre. Imigrantes chegam, falam línguas desconhecidas, trazem na bagagem aspirações de melhores dias e hábitos e contrastam com o da população local.

As autoridades governamentais se esforçam para transformar a cidade em cartão de visitas do Brasil: o bota-abaixo do morro da Favela e a guerra aos cortiços; a abertura de largas avenidas ladeadas de edifícios construídos com as modernas técnicas da engenharia e obedecendo aos padrões neoclássico e eclético; médicos e engenheiros sanitaristas não chegam a um acordo quanto aos meios eficazes de erradicação de doenças epidêmicas. A população reage, ou ao menos parte dela, contra as campanhas de vacinação obrigatória. Contudo, entre as pessoas avessas a se deixarem inocular com a vacina encontram-se muitas que não o fazem por ignorância ou preconceitos arraigados.

É exatamente esse desencontro de opiniões que chega a se enfrentar nos jornais e revistas, que cresce assumindo a dimensão de revolta violenta no qual a população amotinada subverte a delimitação entre o espaço público e o privado, que provoca a intriga que Myriam resolveu investigar.

Sua pesquisa começa, pois, rejeitando o recorrente quadro completo, no qual vacinistas atuam incitando a reação dos que dele discordam. Ou seja, um quadro onde as peças se encaixam como num grande mosaico e que para ela soa como explicação simples demais. Procura, como boa pesquisadora, se assemelhar a um detetive; detetive pouco prosaico, no entanto, quando empresta a Walter Benjamin a noção de centelha e a desconfiança nas interpretações que arrematam os fios dispersos da ação e do pensamento num argumento explicativo acabado, fácil, conclusivo, com frequência bastante assemelhada às ‘verdades científicas’ que pretende derrubar. Em suma, recusa as pistas muito evidentes.

Questiona a maneira como história e medicina se tornam cúmplices para falar de uma cidade – Rio de Janeiro – que se ‘civiliza’, aceita a provocação benjaminiana de que “todo documento de cultura é também um documento de barbárie”. Discorda, portanto, dos que

descartam *a priori*, como pouco importantes, os pressupostos e os procedimentos dos médicos antivacinistas, dado que o tempo mostrou que a razão estava com os adeptos da vacina. Num movimento a contrapelo, Myriam desvenda uma outra prática, estigmatizada pela opinião do saber oficial que a combatia, e reduzida ao esquecimento pelos historiadores. Dirige sua atenção para os profissionais vinculados aos postulados do positivismo e que não necessariamente contrariavam o lema 'ordem e progresso' ao denunciarem a prática invasiva da vacinação, em circunstâncias nas quais os métodos disponíveis faziam de cidades, países e continentes laboratórios de experimentação.

Com seu procedimento, Myriam chega aos alicerces das disputas médicas: os preceitos científicos também se fundamentam em pressupostos filosóficos. O embate de opiniões científicas não se esgota nas 'verdades comprovadas' pela prática médica. Tal como a engenharia sanitária, sua companheira de rota na adesão a uma dada concepção de sanitarismo, os médicos vacinistas têm suas certezas amparadas no pressuposto liberal da identificação e universalidade do agente epidêmico. Com base em outros pressupostos, os clínicos positivistas se batem pela concepção mesológica de complementaridade entre a natureza e o equilíbrio dos corpos. No debate, entretanto, a historiografia tem embarcado no poder de convencimento dos argumentos da documentação médica de época, na qual inexistem registros dos fracassos provocados pelas reações orgânicas à vacina. Contudo, na trajetória de certezas, houveram reversões de expectativa que chegaram às vezes até à morte. Considerada, talvez, acidente de percurso, sacrifício necessário 'no altar da ciência' para que a prática médica se aperfeiçoasse.

Recorrendo a fontes diversas, nas quais falas médicas, leis e códigos mesclam-se a caricaturas e considerações irônicas, e nas quais também informações jornalísticas completam e/ou contradizem justificativas policiais para a repressão à população amotinada, Myriam nos apresenta um quadro fragmentado, inacabado, onde a lógica dos argumentos oficiais são entrecortados por vozes dissonantes: menos um diálogo e mais o desencontro de certezas inscritas em campos diferentes, incapazes de se escutarem. Uma luta política acima de tudo, que em muito extrapola os limites geográficos do Brasil e expõe uma guerra não convencional que se espalha pelo 'mundo civilizado' do século XIX e início do XX.

Myriam chega, assim, a outro ponto polêmico ante o qual não recua: o da forma como as 'idéias' e o conhecimento circulam entre países, indiferentes às fronteiras dos Estados nacionais, muito mais relacionadas com o debate entre grupos de especialistas aferrados às suas próprias convicções.

Incansável, Myriam fez deste trabalho o ponto de partida para o exercício da pesquisa que recusa conclusões aprisionadas a teorias explicativas da história. Ela não se detém perante o desafio de percorrer textos pouco usuais na prática historiográfica, tais como a dimensão técnica das teorias médicas e, sobretudo, seus pressupostos teórico-filosóficos. O mesmo fez com a fotografia, mostrando-a como algo muito mais complexo do que uma técnica a serviço da 'verdade científica' fixada pela neutralidade das lentes ou docilmente empregada pelo fotógrafo em busca de uma concepção estética. Foi além, encarou o desafio de aproximar-se da caricatura, não somente como ilustração de um argumento seu, mas dela fazendo fonte historiográfica.

.....

Considero importante salientar, por último, sua ousadia maior: a forma inovadora de escrita a partir de narrativas entrecruzadas, nas quais confirma a recusa a dar uma resposta acabada a suas indagações e desvenda facetas inesperadas que introduzem ruído em toda e qualquer explicação conclusiva a que se queira chegar. Importante também lembrar, e aqui se expõe a presença da ex-orientadora, que esse começo de trajetória de pesquisa, iniciada em 1982, na Linha de Pesquisa 'Cultura e Cidade' da Pós-Graduação em História da UNICAMP, abriu novas perspectivas para os estudos sobre questões urbanas, mas prosseguiu e se faz presente em diversos momentos deste livro que sofreu uma revisão importante, a de atualizar seu diálogo com os trabalhos recém-publicados e com sua própria tese de doutorado, defendida na Universidade Paris VII, sob a orientação da historiadora Michelle Perrot, em fevereiro de 1997.

***Maria Stella Martins Bresciani***

Doutora pelo Departamento de História/USP.

Coordenadora de Linha de Pesquisa na Pós-Graduação

de História do Centro Interdisciplinar de Estudos

sobre a Cidade (UNICAMP) e do

Projeto *Les Mots de la Ville* (UNESCO).